

SOBRE AS "RUINAS"

Livro de versos de H. Castriciano

O prologo de um livro, cujo autor esteja vivo e são, é quasi que em regra geral uma cerimonia de corpo presente, a que assiste o glorificado, por detraz do altar, respirando as espiraes de incenso que se evolão do thuribulo do prefaciador.

Com as *Ruinas* dá-se, porém, uma excepção. H. Castriciano é um espirito despreoccupado d'essas velleidades; e não serão minhas palavras, por certo, que farão realçar o brilho de suas joias poeticas, contrastadas por natureza aos olhos do apreciador idoneo.

O auctor das *Ruinas* quiz, apenas, render-me uma deferencia, entregando-me a sua obra pára que eu construisse o perystilo da pragmatica. Não é a primiera vez que proletarios levão á pia baptismal filhos de magnate; a questão é ser este dotado de um coração generoso.

* * *

A poesia é a natureza interpretada através dos prismas polychromos da fantazia.

A dôr, o gozo, a vida, o nada, o abysmo e o azul do céu quantos poemas para um espirito sonhador, e

que monotonia para quem não encherga em tudo senão a objectividade das cousas!

Um rochedo que verte um fio d'agua não passaria de um bloco negro, prosaico, encrespado de arestas apunhalantes, aos olhos do mineralogista que estudasse a estructura do granito; e, entretanto, de que roupagens mysticas não veste o poeta o rochedo da *Gruta das Trincheiras* nas duas dulcissimas estrophes:

A lagrima sem fim, a lagrima pesada,
Que eternamente cahe do cimo desta gruta,
Representa algum'alma extranha e desolada,
Que mora a soluçar dentro da rocha bruta...

Esta alma quem será? Não sei! Mysterio fundo...
Entretanto eu presinto alguem, que se debruça,
E baixinho me diz, n'um gemido profundo:
—Existe um coração na pedra que soluça...

Quem, ao ouvir o ultimo verso, não transporta-se a um retiro suavemente monotono, entre arvores ligeiramente sussurrantes, a ouvir a lagrima da rocha burburinhando sobre um listão de limo verde, ou perolisando de orvalho a grama que faz o roda-pé da gruta?

E dizem que a poesia «offerece um aspecto desolador ás lettras do futuro», estiola-se, debate-se n'um circulo de ideias enervantes, allucina-se, definha, e morrerá por que a evolução é um Nilo que atravessa os grandes desertos das sciencias experimentaes, e nesse terreno safaro desapparecem, sem germinar, as lendas das tradições mythicas, fonte perenne de toda a poesia.

A culta Europa multiplicando os tentaculos de usurpadora da felicidade dos povos retardatarios, quer dando combate ao selvagem retinto do coração da Africa, quer derruindo os muros negros do Celeste Imperio: o operario, encarvoado e faminto pelas alfurjas de Londres; o socialismo, como uma rede telegraphica de ideias subversivas que atravessa o atlantico; tudo isto, dando os

longes deste scenario desolador em que agonisa o seculo é a causa desse augurio sinistro de que a poesia é uma tuberculosa que começa a expectorar os decadistas, nephilibatas, deliquescentes e quejandos, para morrer inanida e diaphana, como uma tysica fidalga.

Não morrerá, porém.

Paris é o coração do mundo; a philosophia allemã, solida e incorruptivel; as ideias lombroseanas sobre a psychiatria a irradiarem-se n'um como foco miraculoso; os germens do pessimismo morbido que tem por vehiculo os livros de Tolstoi e Nordau; o pensamento sombrio de Ibsen; todo esse conjuncto, ao influxo da decadencia social que atravessa a humanidade pelas necessidades dia a dia assoberbantes na lucta pela vida, vai transformar-se em Paris, «n'esse *carrefour,* aonde todo o espirito humano se reune para uma orgia intellectual,» n'um oceano turvo de concepções extravagantes no dominio das lettras. Alli o tic é ser original, seja essa originalidade andar com as botas nas mãos ou o rendingote abotoado para traz.

Verlaine apanha o trapo de um insulto que lhe assacão certo dia, e deste insulto faz uma bandeira de combate: «decadista».

Moreas, ná loucura do genio, vaporisa o pensamento, e por sua vez proclama a eschola deliquescente. E decadistas e deliquescentes, satanicos, arrevesados, em fim, passando pelos meandros das traducções, viajão por Portugal, chegando até nós vestidos de logomachias e adjectivos funambulescos. Mas essa anomalia, que não deixa de ser o alicerce da poesia do futuro, antinomica, embora, a arte interpretada por Tolstoi, que a define como a manifestação do bello tocando ao requinte da singeleza, não é um symptoma preciso para que se prenuncie o desapparecimento da poesia.

Ao contrario, é uma epocha com os abalos de uma transicção radical.

Nós, que assistimos á mudança, achamos verdadeiros casos de teratologia as producções novas: mas, através de todas as extravagancias da forma, a alma humana

apparece aqui e alli sempre a mesma, na pureza da virtude, ou no lodaçal do vicio, como uma grande placa de crystal inteiriço, que se escondesse sob arabescos bizarros.

Que escandalo não derão aos olhos do classicismo Dante (este foi um romantico prematuro) e Shakespeare, insubmisso aos moldes convencionaes d'aquella eschola!

Forão os prodromos do romantismo desorientado, melhorado por Montesquieu, e contemporaneos, aperfeiçoado, em fim, por Goethe, Schiller e Heine, espiritos fadados para tecerem os quadros do amor e da saudade, dos ideiaes fagueiros e das lendas. Mas o romantismo ficaria como a monotonia da doçura si não soffresse o arrasamente a que está condemnado tudo o que existe sobre a terra. Depois de uma phase de indolencia esterilisante, a Russia, que é o paiz das cruas realidades, esboça, como o resultado pratico de sua vida social, o naturalismo, na França ensaiado por Balzac, e ainda hoje, como a photographia luminosa das miserias deste fim de seculo, deslumbrante e maravilhoso na penna de Zola.

E todas essas mutações fizerão-se precedidas pelos protestos dos retardarios.

Já não satisfaz, entedia e cança a obra naturalista. A desenvoltura do *Naná* é picaresca demais ante o systhema de analyse que exige a eschola actual, a que poderemos chamar de *indecisa* ou *transitoria*.

A comedia humana já não se estuda pelas torpezas dos bordeis, de uma chaga pustulenta, não se traz mais para a pagina o visco que emana das cellulas em decomposição. O observador premune-se de duas lentes, uma para o exame material e a outra para as conclusões moraes.

Os assumptos são menos emmaranhados; o objectivo ha de ser sempre a alma humana, tendo por accidentes o amor; mas a tendencia predominante é o problema do trabalho, a sorte do proletario. as duvidas sobre as bellezas das religiões, a igualdade humana, tão longinqua, e. de presente, tão disputada pela loucura dos anarchistas,

paladinos do bem que desvairaram-se, tomando por labaro o punhal de Caserio.

O romancista não pinta mais paixões, analysa-as; ao poeta não é mais permittido vibrar a lyra do riso ou dar queixumes ao vagalhão da dor; ha de rir chorando, e as lagrimas devem ser entremeadas de risos. Vai nessa phase de contradicções palpaveis a vida real das sociedades actualmente.

E a poesia, e a arte, reflectindo a sociedade, não será a verdadeira arte?

E dizem que a mais doce das formas por que a alma humana sente e se expande está a extinguir-se!

A poesia é um lago eterno de liquida turqueza. Ha eclipses no céo? descerão as penumbras sobre o lago; mas o pego bemdicto de aguas ceruleas fica na impassibilidade serena do que não se altera em sua essencia, como o sol, a lua do espaço e a natureza.

* * *

H. Castriciano é mestiço, de estatura mediana, compleição lymphathica, fronte espaçosa, olhos scintillantes, e fundamente meditativo.

Falla pouco, como que somnambulando sobre as cousas terrenas, de que é um indifferente.

É um verdadeiro excentrico, e si não o fosse por tendencias psychicas, sel-o-ia pelas circumstancias do meio em que tem agido, levado por uma corrente de soffrimentos physicos e moraes.

Tysico por hereditariedade, sente o nevoeiro da morte ensombrar-lhe, aos poucos, o horisonte da vida, aos 20 annos quasi anoutecida por tanto luto precoce no seu lar.

Pai, mãi, irmãos, todos cahirão bem cedo no chão do cemiterio; e Castriciano é como que a extremidade, que falta sepultar, de uma cadeia de affectos, que sobre a terra ficou concretisando a saudade e o amor por todos os que se finaram.

O seguinte soneto, o terceiro de uma serie que sym-

bolisa os goivos de su'alma, dá ideia completada do que vai pelo coração do poeta, alanceado por tanta desventura.

Vamos, irmão... A Alva vem surgindo,
Dentre as brumas subtis da madrugada,
O phantasma da Noite angustiada
Vai solitario e gelido fugindo.

Já vão as flores docemente abrindo
A formosa corolla embalsamada...
Vamos colher na relva perfumada,
O fructo do pomar, cheiroso e lindo.

Chamemos nosso cão: «Fiél» partamos!
...Quanto gemer e soluçar funereo
Por não puder trepar nos longos ramos?

Mas, isto é sonho! É tragica illusão?
Como has de accordar no cemiterio,
Meu infeliz e desditoso irmão?!

Chamarei de photographia da dôr o transumpto psycologico desta producção. É um quadro de vida intima, na adolescencia, pintado por um artista que, no kalleidoscopio das reminiscencias do riso e da tristeza, descortina uma scena dos dias idos. Synthetisa a ideia, pinta-a como quem vê; e, mais ainda, transmitte ao leitor toda a impressão subtilmente gravada nessa como placa receptora das imagens creadas somente no cerebro dos homens de genio.

Conheço de perto o auctor d'este livro; e de alguma forma estimei rabiscar estas linhas, com o fim de roubal-o á sua modestia, apresentando-o á sagração dos competentes.

Obscuro, fugindo a exhibições, n'um recanto do Rio Grande do Norte, a evidencia de seu merito comprova-se

com o justo premio que lhe conferiu o erudito Dr. Mello Moraes Filho, incluindo uma das producções de Castriciano no «Curso de Litteratura Brazileira», como exemplo de poesia lyrica.

Si o auctor das «Ruinas» fosse algum dos philauciosos que fazem a maioria dos belletristas da Capital da Republica, e que, n'uma cadeia de elogios convencionaes, vivem do calor reciproco de sua nullidade em contacto, nenhum valor teria a escolha do Dr. Mello Moraes Filho.

Mas Castriciano é um simples; e si os versos «Pelo Azul» mereceram aquelle julgamento, é porque encontrado embora nos logares mais reconditos, o ouro é sempre ouro.

Nasceu H. Castriciano na cidade da *Macahyba*, Estado do Rio Grande do Norte, berço digno de um poeta.

Alli o céo começa a diaphanisar-se, para tocar á perfeição de sua pureza nesta bella terra de Iracema. (É uma questão de topographia, e o phenomeno deve ter sua origem pela falta de evaporação, propria das regiões seccas, o céo do Ceará é, talvez, o mais puro do Brazil; sendo que o Rio Grande do Norte já participa d'esta primazia sublime).

Macahyba é situada sobre a ondulação de uma collina e superpoem-se a esta muitas outras collinas. Ao Sul, os taboleiros arenosos, eternamente ornados de mangabeiras verdejantes, e, em Outubro odorantes pelo cheiro dos cajueiros com pingentes de resina e caramancheis de flores.

Corta o coração da cidade o rio *Potengy*, esmeraldino e puro, emmoldurado pela verdura dos mangues que se debrução sobre a lympha.

Quanta lenda vaga por alli perdida, contada nas casinhas de sapé de pobres e felizes descendentes do caboclo ingenuo!

Já tive a dita de subir o *Potengy* n'uma lanchinha a vela até *Macahyba*; e a lamina polída do rio sob o reflexo do sol a pino não me encantava mais que as choças perdidas na verdura d'aquelle valle.

Fica por aquellas paragens a lendaria *Estremoz*, patria de potyguares valentes, onde, referem, nascera o denodado Camarão.

Eis o ambiente que concorreu, decerto, para dar um cunho proprio ás producções do poeta.

Debil, depauperado por uma tuberculose que já corroeu-lhe um pulmão (não usaria de uma franqueza tão rude, tratando da saúde de meu infeliz amigo, si não conhecesse de perto a tempera de seu espirito, enrijado pela acção varonil do desdem á morte), Castriciano tem levado desde os 18 annos uma vida nomade, de peregrino, buscando um lenitivo aos seus soffrimentos pelos sertões e pelas praias de seu Estado natal, conforme as estações do anno. E essas mutações de scenarios, tendo sempre ao fundo a gase mysteriosa da morte,a se approximar, são de um valor intrinseco para as «Ruinas» ; porque este livro é um blasphemia atirada aos pés da Deusa sonhadora da poesia.

É uma alma de moço, aspirando viver, montando o Pegaso do sonho, talhada pela envergadura dos condores, insubmissa e nervosa, mas que se debate sob a ogiva acanhada e negra da desillusão.

. . . .

Oh, Natureza que me negas tudo,
Que, dia a dia, vais me aniquilando !. .
Vamos, acaba de matar-me, vamos. . .
Feliz, cercado desses gaturamos,
Quero morrer ! Quero morrer cantando !

A opulencia tropical que cobre de verdores a *Serra do Martins*, os alcantis toucados dos brancos nevoeiros que toldão de cambraia, admitta-se a expressão, a pureza d'aquelle céo; os veios d'agua do cimo das grutas; o riso da manhã observado d'aquelles montes verdejantes, simulando vagas que ficaram paralysadas no espaço: a agonia da tarde que desce ao fundo dos valles: todo este conjuncto, de um pantheismo sublime, palpita em

cada estrophe d'este livro. A alma do poeta vogando n'um myticismo amargo e doce, embalada por um lyrismo proprio, assemelha-se a uma palheta polychroma e sonora, que apanhasse todas as tintas para dar a cada uma a estranha faculdade do som.

Nos versos de Castriciano as tintas do iris formão um como hymno das cores.

A sua faculdade emocional de mestiço adapta-se a todos os meios; o crystal de sua concepção recebe as vibrações produzidas nos orgãos sensitivos pelo meio ambiente, e, transformando em harmonia, estampa-as com a maior fidelidade. E um phenomeno é para notar: o auctor das «Ruinas» allia ao seu requintado subjectivismo um que de analytico e humano, e assim vemos que nos versos «Na solidão», escriptos n'uma pedra da gruta da *Trincheira*, da qual jorra eterno fio d'agua, elle descreve a gruta materialmente, tirando uma conclusão humana e genial:

« Existe um coração na pedra que soluça.»

Transporta-se o poeta ao *Morro do Tibao*, a beira-mar. Habita uma palhoça no alto de um morro, está mais distante do mundo e mais oceano descortina; a pureza do céo é mais tranquilla, alli, na comtemplação do beijo infinito que dá, na commissura do horisonte, a saphira das aguas no azul da amplidão, elle, que é um desilludido, que não póde amar porque não quer envenenar com seus labios a taça pura do amor, traça os mais original dos symbolos sobre o oceano:

NOIVA IDEIAL

A minha noiva no oceano habita,
Mora no pego azul dos vastos mares...
Orna-lhe o manto a pallidez bemdita
De uma cinta de conchas estrellares.

Do crepusculo na tunica divina,
Eu vejo-a sempre quando a noite desce,
Sonhando, ás vezes, perto de um'ondina,
Envolta ás vezes, n'um luar de prece.

Reputo esta umas das melhores poesias do volume, pelo menos a de mais originalidade. Ao acabar de lel-a um prurido ignotamente phantastico vibra em meu ser. Um desdem doentio, uma magua latente, uma maldição pavorosamente surda, transparecem d'aquellas estrophes extravagantes.

E toda uma existencia de moço sacrificada ao mais deshumano dos Molochs: o não poder amar uma noiva engrinaldada em flôres de larangeira, das sonhadas pelos poetas que não teem a preoccupação constante de ser um calceta da morte.

* * *

Entremos na analyse dos versos.

Não se pode dar uma feição especial á eschola cultivada por Castriciano; a sua tendencia é accentuadamente lyrico-pantheista; mas altera-a um que de vago e de insubmisso ás suavidades do lyrismo impeccavel. Excentricidades, notas rudemente vibradas, nostalgias e pessimismos, originalidades... Occupa-se da forma; mas nem sempre obedece á exclusiva preoccupação da forma, incorrendo em desleixos condemnaveis. Na poesia «Livro de Lucia», que é o esboço de um poemeto ideial, começado em Outubro de 1895 e que o poeta não poude acabar por terem se aggravado os seus incommodos de saude, a imaginação é escassa, e perde-se n'um emmaranhado de rimas sonoras, mas nem sempre abonadoras de um espirito imbuido na devoção da Arte.

O autor das «Ruinas» pela sua idiosyncracia de mestiço e tysico, pensando muito e descrendo de tudo, ambicionando, e destruindo pelo pessimismo; influenciado pela decadencia da poesia franceza, morbidez artistica muito adaptavel aos espiritos morbidos; é um poeta eclectico, que tem, entretanto, por caracteristico um lyrismo expontaneo a serviço de uma descrença ciliante.

Como poderia o genio de Schiller, que fez perder uma geração de moços com os «Salteadores» de sua creação, preocupar-se chinezamente a burilar o tras-flor de um arabesco? Como submetter-se ao circulo estreito

da perfeição morphica o pensamento desbridado de Shakespeare ?

O escriptor de genio não tem forças para conter a imaginação em sua desfilada.

É por isto que F. Varella é, a meu ver, o maior poeta brazileiro. Não posso preferir toda a porcelana azul dos sonetos de O. Bilac a uma simples phrase descuidada e genialmente proferida nas «Ondas» de Luiz Murat.

O cuidado exagerado na forma é uma prova evidente de pobreza de imaginação.

Eu reputo Castriciano um poeta indisciplinado, dos que não podem ser idolatras da forma, por que o genio não póde ter idolatrias. E, entretanto, o seguinte soneto é uma perfeição, mesmo pelo lado plastico :

OS OLHOS DE DULCE

Um *que* de extranho, forte e penetrante,
Ha n'este olhar que as almas dilacera ;
Tem um olhar de domador de fera
Esta formosa e pallida bacchante.

Quando ella passa, rindo, triumphante,
Murmuram todos : «ri-se a Primavera !. . . »
Um colibri suspira : «ai ! quem me dera,
Beijar-lhe o roseo labio provocante ! »

Astros malditos, de lampejos vagos,
Têm os seus olhos chammas diamantinas
E ao mesmo tempo sensuaes affagos. . .

Como elles matam ! Dulce, a que destinas
Estes dous negros, traçoeiros lagos,
Estas duas estrellas assassinas ?

Castriciano é, como Varella, um sonhador que contempla a aurora sempre do fundo de um subterraneo.

Agindo n'uma epocha de verdadeira revolução na arte da rima, aquelle tem sobre este a primazia de dar um cunho symbolista, quando concretisa a ideia, aos olhos do leitor:

« Dei-lhe um annel; si gorgeia
Sentada ao piano, a medo,
Eu penso que o annel chilreia
Preso á carne de seu dedo. »

(3.ª estrophe, pag. 96.)

Quem quer que leia esta estrophe ha de necessariamente gravar na imaginação toda a concepção do poeta. Ha nervos e vibração nesse modo de expressão, que na camara mysteriosa de nossa intelligencia estampa uma como imagem luminosa, vaga e impalpavel, mas que existe por que vemol'a ideialmente.

Não se pode, porem, dizer que o auctor deste livro tenha absolutamente de presente tanto merito quanto o auctor do «Evangelho das Selvas»; porquanto aquelle, instinctivamente ou por alguma reminiscencia involuntaria, ensopou bastante toda a força creadora de seu estro na fonte das mesmas tristezas e melancholias d'este.

Recuerdo, *Luz nas Trevas*, *Tuberculosa*, *Supplica da morte*, etc., são o mesmo grito de agonia, a mesma voz de desgraçada blasphemia, rugindo como a fera do desespero, a morder o grilhão da dor, e a sonhar uma plaga que não se sabe onde existe.

Rarissimas são as producções das «Ruinas» atravéz das quaes não se esgarce a nuvem do desgosto, como a aza de um corvo n'uma redoma de crystal. A custo destaca-se esta quadrinha, minuscula, contendo, porem, todo o poema da luz que encerra um fragmento de diamante:

« NUM ALBUM

Oh! é preciso amar! Tecer um ninho,
Onde rebrilhe o sol de uma illusão:
Fazer do coração um passarinho
Que se agasalhe n'outro coração. »

Esta singella e bellissima estrophe, pura, diamantina, a clarear entre a penumbra das outras paginas das «Ruinas», como uma restea de sol, é um lampejo de felicidade no espirito do auctor, esquecido por um instante do infortunio a que acorrentou-o a natureza. A ave do amor trina profugamente, alegre, alvoral, implumada de oiro, nas sombras de uma floresta de desillusões.

Quanto pode o amor!

Uma scentelha fugaz transforma de momento a caverna mais esconsa n'uma gruta toda de crystal onde o sol dardeja a prumo.

É psychologo, não é um rendilhador, o verdadeiro poeta. Não póde haver poesia sem que implicitamente a philosophia se manifeste; pois esta é a tela sobre a qual a esthetica se exhibe. A poesia é a philosophia, arida e perscrutadora, suavisado pela harmonia; é o bello encantando a vista e conduzindo todas as faculdades emotivas á região ignota das contemplações intimas do espirito.

Ninguem melhor de que Castriciano compenetrou-se disto.

A sua «Estatua» é o resultado da alliança sublime desses dous sublimes predicados que fazem o verdadeiro poeta.

A ESTATUA

La figure de marbre devint vivant. La pierre commençait á jeter des soupirs.

Henri. Heine. LE SPHINX,

Pasmo de si, do proprio esforço pasmo,
Qual se de um outro aquella ideia fosse,
O velho artista, em doudo enthusiasmo,
Ante o seu genio, pavido, assombrou-se.

Annos inteiros, annos de amargura,
Elle arrostara, n'um calor insano,
Tendo nos olhos essa imagem pura,
E n'alma tendo a força do Oceano.

Esta illusão de marmore gelado
Findara da velhice nos escombros...
E, agora, o genio estava alli curvado,
Como sustendo o mundo sobre os hombros.

Oh! dir-se-hia que toda a sua seiva
No amago da pedra se infiltrára...
Raio de sol que transformasse a leiva
N'uma paysagem deslumbrante e rara!

Triste, na idade garrula dos beijos
Não teve amor: o bloco o envelhecera,
—Fechou, da gloria aos lucidos lampejos,
N'aquella rocha a sua primavera.

Surgio, então, de sua mão callosa
Por um milagre vivo de esculptura
A figura ideial, branca e formosa
De Magdalena, em mystica ternura.

No meigo olhar da doce peccadora
Havia um *que* da morbidez dormente,
Que tem no céo azul, quando descora,
A estrella d'Alva timida, innocente.

Era franzina e graciosa. Os seios
Pareciam conter, cheios de susto,
Um coração e dentro d'elle anceios
Dando mais vida ao luminoso busto.

O sol, para beijar-lhe o collo, tinha
Fulvas scintillações de raios mornos;
As vezes, noite, inda o clarão sustinha
Para aquecer-lhe os languidos contornos.

E o velho artista recordava agora
Os longos dias e o cruel martyrio,
Que lhe custava aquella grande aurora,
Despertada do cháos de seu delirio...

Ah! Quantas vezes,—n'essa dôr que aterra
O proprio genio—se rojara ao chão,
A vêr, a vêr se o coração da terra
Mas junto ao seu lhe dava inspiração!

N'isto sentiu que o marmore chorava,
Como distante d'esta terra fatua,
E vio surpreso então, vio que brilhava
Uma lagrima nos olhos da estatua.

«—Eu fiz de ti, ó Santa! o niveo cofre
« Onde guardei a minha vida insana...
Falla! Que queres tu? Acaso sofre
A pedra por tomar a forma humana?

(Aqui augmenta a allucinação do esculptor; a estatua, abre os olhos, fala, como que delirando.

Vara-me o seio a Noite, quando desce,
Regela o frio os meus nevados flancos:
Leve o teu genio, ao céo, a minha prece,
Já que gerou os meus contornos brancos.

Eu sou a Alma de Magdala, escuta:
Quando o cinzel na terra crêa a imagem
Do martyr e do santo,—á rocha bruta
Desce do morto a profuga miragem...

E quando Miguel Angelo esculpia
O vulto immenso de Moysés, o hebreu,
Deve ter visto, sim, que elle surgia
Pela argilla trocando a luz do céo.

Habitava no Azul. O Nazareno
Os olhos enchugava em meu cabello:
Prende-me agora o marmore sereno...
Deixa-me vêr Jesus! Eu quero vêl-o!

Liberta-me, por Deus! Q'eu desvairio
N'esta prisão tristonha como o goivo...
Ai, vê como padeço; eu sinto frio.
Quantas saudades, quantas? de meu noivo.

Tenho vontade de resar, emquanto
O *Angelus* repercute nas encostas...
Tem compaixão... tem pena de meu pranto...
Porque não me fizeste de mãos postas?»

Calou-se a estatua. O genio, allucinado,
Pegou do malho e destruio, demente,
Aquelle vulto... todo o seu Passado!
Aquella imagem... todo o seu Presente!

Um bando de aves pelo céo fugia
E elle, fitando a vastidão que encanta,
Voltou-se, a vêr se alguma conduzia
No bico aberto o coração da santa!

Quanta grandeza na concepção d'estes versos.

Poetas, sabios, philosophos e pensadores onde buscareis mais pura, para os deslumbramentos d'alma uma fonte como a que nos pinta o Evangelho com as lagrimas de Magdalena? E essa lagrima não sentistes, como uma dor concretisada, porejante do granito que o genio do artista transformou em estatua?

*
* *

Não sei si ao prefaciador cabe mais do que, em synthese, esclarecer aos olhos do leitor as cauzas determinantes de certos phenomenos em que o espirito do

prefaciado empenhou-se por tendencias e circumstancias especiaes. O espirito em lucta com as vicissitudes do meio, eis tudo.

E neste ponto julgo terminada a missão a meu cargo.

Descer a annalysar as mil facetas da poesia de um poeta de genio, que teve por força motriz de sua inspiração a dôr e o sonho intangivel, será buscar desvendar todo o arcano da alma humana, infinitamente rica de bellezas e mysterios insondaveis. E quem alcançará tamanha gloria? Sysipho não rolaria mais esse rochedo que symbolisa o impossivel.

RODRIGUES DE CARVALHO.

Fortaleza, Agosto de 1898.

